

MUDANÇA TRANSATLÂNTICA ■ Na segunda metade do século XVIII a cidade de Mazagão, possessão portuguesa no Marrocos, foi transplantada para o Amapá

Mazagão: a história que ainda não foi contada

Mazagão africana, situada no Marrocos, foi transplantada para a selva amazônica, no Estado do Amapá. Parte da sua história era conhecida, entretanto seus vestígios não haviam sido encontrados. Havia apenas dois pequenos vestígios de parede que não eram associados a nenhuma unidade funcional. A determinação do governador do Estado do Amapá, Waldez Góes, associado ao interesse do IPHAN, motivaram o Laboratório de Arqueologia da UFPE a realizar uma prospecção na área com o objetivo de se identificar possíveis vestígios remanescentes desta vila do período pombalino na Amazônia.

Para satisfação geral a pesquisa foi coroada de sucesso e foram encontrados vestígios que comprovam a existência da Vila de Mazagão Velho. Foi localizado os restos da primitiva igreja e identificados vestígios de outras unidades funcionais que serão objeto de futuras intervenções no local. A idéia é fazer de Mazagão Velho um centro de referência



local na preservação e conservação de objetos e construções sacras dos séculos 18 e 19 e das manifestações artísticas e culturais do povo amapaense, agregando valor ao que é produzido na comunidade, gerando renda e oportunidades de negócios na área do turismo. Em visita ao local, o governador Waldez Góes disse que "a idéia primeira é criar uma reserva na comunidade de Mazagão e trabalhar o processo de tombamento do distrito de Mazagão Velho, que é um projeto de interesse de todos que fazem a história do Amapá". Esta reportagem nasceu da necessidade de se homenagear Mazagão no mês (julho) de sua maior festa, a Festa de São Tiago. Por causa da rica história e tradição ainda vividos pela comunidade de Mazagão Velho, uma equipe luso-italo-brasileira rodará o filme Mazagão, com rodagens em Mazagão Velho e El Jadida (antiga Mazagão portuguesa), no Marrocos. Edição e texto final do Editor de Política Carlos Bezerra.

Filme luso-italo-brasileiro

Uma equipe luso-italo-brasileira está no Amapá desde o dia 10 de julho deste ano, para a realização de um filme documental sobre a história e o mito de Mazagão. A equipe permanecerá no Estado durante 30 dias e além das locações em Mazagão Velho, onde há 228 anos se realiza a Festa de São Tiago, ministrará na capital oficina de cinema para pessoas carentes, segundo afirma a revista paraense Vanguarda Cultural, edição de julho de 2005.

A concepção da arte cinematográfica no caso do filme Mazagão, tem uma grande dimensão estética, poética, mítica e dionisíaca. O conteúdo do filme, porém, profundamente histórico, será remetido ao campo simbólico. Nesse sentido, Mazagão será um filme trágico, narrado na forma de um poema épico, necessariamente com recorrência às estruturas trágico-míticas das máscaras, potenciais condutoras das representações arquetípicas e sociais humanas, cujos elementos alegóricos ainda se fazem presentes na Festa de São Tiago de Mazagão.

Com o apoio de uma série de instituições portuguesas e brasileiras, de caráter cultural e científico, o filme Mazagão terá rodagem no estado do Amapá, pára onde Mazagão foi deslocada, e em Marrocos, Norte da África, na cidade de El Jadida, antiga Mazagão Portuguesa.

O projeto de realização do filme será coordenado por quatro profissionais do campo audio-visual: são eles, Zanito Weyl, professor e realizador brasileiro (Coordenador Geral); Ricardo Leite, professor e realizador português (Coordenador de Pesquisa); Simona Di Maggio, professora e fotógrafa italiana (Coordenadora de Arte) e Jorge Quintela, fotógrafo e realizador português (Coordenador Audio-visual).

Uma cidade transplantada

Durante a segunda metade do século XVIII, uma cidade inteira foi "transplantada" do Marrocos para o Amapá. As razões da mudança transatlântica eram financeiras: no Marrocos, as intermináveis batalhas entre portugueses e mouros traziam prejuízos aos cofres lusos.

A história vem à tona graças ao trabalho do arqueólogo Marcos Albuquerque, da Universidade Federal de Pernambuco.

A decisão de mudar uma cidade inteira de um continente para outro deve ser entendida dentro do contexto da época, quando Portugal passava a olhar o Brasil com mais interesse e desejava ocupar os rincões mais distantes da colônia. "Trazer habitantes para a região fazia parte da lógica do Marquês de Pombal de cercar o Brasil e dar apoio militar à vila de Macapá.

Mas nem mesmo no endereço novo o povo de Mazagão teria dias melhores que os vividos na Mazagão africana. Em 1783, uma epidemia de cólera matou boa parte da população de 340 famílias trazidas da África para a nova cidade brasileira, levando o restante a fugir.

As escavações no local foram solicitadas pelo Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e bancadas pelo atual governo amapaense. O valor das escavações está estimado em aproximadamente R\$ 600 mil. (Texto extraído da revista Vanguarda Cultural, edição de julho/2005)



Novas estruturas aparecem reforçando a hipótese de se tratar de uma unidade religiosa.



Ricardo Leite, Jorge Quintela, Zenito Weyl e Simona Di Maggio

Festa de São Tiago

Considerada uma das mais belas festividades folclóricas do Amapá, a Festa de São Tiago é uma histórica tradição secular, realizada em Mazagão Velho. A partir de 1777, em homenagem a São Tiago, até o presente revivem as batalhas em que cristãos e muçulmanos degladiaram-se no continente africano.

O aspecto místico da festa remonta ao fato e ao credo popular e secular do aparecimento inesperado de São Tiago, o valente soldado anônimo que conduziu os cristãos em valente, heróica e vitoriosa batalha, que parecia não ter mais fim.

A guerra entre fervorosos cristãos lusitanos e muçulmanos teve sua origem após a tentativa dos cristãos de tentar converter os muçulmanos a fé cristã, ao batismo e ao rito católico.

A intervenção político-religiosa dos cristãos imediatamente provocou a ira e a reação dos seguidores de Maomé, que mais tarde declararam guerra total aos mesmos, liderados pelos capitães Atalaia, Jorge e Tiago.

Dias seguidos, batalhas sangrentas tiveram lugar em solo afro, com certa vantagem para os portugueses que se aquartelaram heroicamente, resistindo aos constantes ataques mouros.

A fúria dos mouros somada a valentia e coragem dos cristãos gerou uma batalha sangrenta, somente amenizada ao meio-dia. Vários oficiais e soldados procuraram saber quem era o valente soldado que tinha abatido inúmeros inimigos na última e mais sangrenta batalha, sem conseguir encontrá-lo. Finaliza a lenda afirmando que a mitológica figura de São Tiago aparecia vez por outra no campo de batalha com uma armadura brilhante, intocável e invulnerável, guiando os soldados cristãos e causando baixas profundas, medo e pânico no inimigo, a moeda de troca do Plano Superior contra as atrocidades praticadas pelos mouros, na época.



Sonho luso-marroquino

As investidas portuguesas contra os mouros levaram à ocupação de diferentes cidades da área meridional de Marrocos, à implantação de Mazagão, erguida na parte sul da baía, bem junto ao mar. Aos poucos, no entanto, os mouros começaram a recuperar suas cidades:

Do final do século XVII até meados do XVIII apenas Mazagão permaneceu como marco de resistência do sonho lusitano em Marrocos.

Mazagão nascera uma cidade litorânea, voltada para o comércio. Sua vocação de concentrar riquezas contribuía para aumentar a cobiça de outros povos, com riscos de invasão a que era submetida. Riscos aos quais se somavam os objetivos mouros de recuperar seu território. Ainda por determinação de D. João III, a cidade Mazagão fora fortificada, transformada em uma cidadela da qual se dizia inexpugnável. E de fato, esta cidadela resistiu por mais de dois séculos, ainda que isolada por terra pelos contingentes marroquinos.

A partir de 1750 intensificaram-se os ataques mouros à praça portuguesa de Mazagão. A partir de então se sucederam os cercos, os ataques sofridos por Mazagão: em 1751, 1752, 1753, 1754, 1756, 1760, e 1763. Neste último, a cidade se viu na iminência de ser tomada. Mas foi em 1769 que um poderoso contingente de 8.000 homens montou o último cerco à cidade. O transtorno, o perigo real, imposto pelos mouros que sitiavam a vila portuguesa de Mazagão, levou o Rei D. José I a ordenar o abandono da praça e o embarque imediato da população para Lisboa.

Nasce uma Nova Mazagão

Mas não era Lisboa o destino final daquela população: as preocupações da coroa portuguesa com a ocupação da Amazônia brasileira fizeram com que se integrasse a estratégia de evacuação de Mazagão em Marrocos, com a implantação de uma Nova Mazagão na Amazônia. Mas nos meados do século XVIII, parece que já não se mostrava muito fácil arregimentar colonos voluntários para a América. A solução encontrada foi transplantar para a América a colônia de Marrocos.

"Com estas famílias ordena El Rei Nosso Senhor, que se estabeleça uma nova Povoação na Costa septentrional das Amazonas, para se darem as mãos com o Macapá, e com Vila Vistoza".

Em 1770 chegaram a Belém as primeiras 340 famílias que deixaram a velha Mazagão, no Marrocos. Parte destas famílias iria constituir a Nova Mazagão, um povoado que a coroa portuguesa mandara o Governador do Grão Pará, Governador Ataíde Teive, construir às margens do rio Mutuacá. Uma vila planejada, composta de muitas quadras que se distribuíam nas terras firmes às margens do rio que a partir de então recebeu o nome da vila, Rio Mazagão.

Hoje Mazagão Velho guarda memórias escondidas de seu antigo apogeu. As memórias transmitidas através das gerações, remontam aos tempos de Marrocos, e são revividas através de folguedos populares, de festas religiosas e profanas. O quanto resta do traçado da antiga Nova Mazagão, não se sabe ao certo. Mas certamente existirão vestígios daqueles tempos que poderão ser resgatados arqueologicamente.